

**UniRV – UNIVERSIDADE DE RIO VERDE
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**RENTABILIDADE DA CULTURA DE SOJA: UM ESTUDO DE CASO NA
FAZENDA COQUEIROS EM RIO VERDE-GOIÁS**

AMANDA MORAES SILVA

Orientadora: Prof.^a Ms. DÉBORA FERGUSON

**Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado à Faculdade de Ciências
Contábeis da UniRV – Universidade de Rio
Verde, como parte das exigências para
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Contábeis.**

RIO VERDE - GOIÁS

2013

**UniRV – UNIVERSIDADE DE RIO VERDE
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**RENTABILIDADE DA CULTURA DE SOJA: UM ESTUDO DE CASO NA
FAZENDA COQUEIROS EM RIO VERDE-GOIÁS**

AMANDA MORAES SILVA

Orientadora: Prof.^a Ms. DÉBORA FERGUSON

**Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado à Faculdade de Ciências
Contábeis da UniRV – Universidade de Rio
Verde, como parte das exigências para
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Contábeis.**

RIO VERDE - GOIÁS

2013

SILVA, Amanda Moraes.

Rentabilidade da cultura de soja: um estudo de caso na Fazenda Coqueiros em Rio Verde-Goiás / Amanda Moraes Silva. Rio Verde. - 2013.

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso II (Graduação) apresentado a Universidade de Rio Verde - UniRV, Faculdade de Ciências Contábeis, 2013.

Orientadora: Prof.^a Ms. Débora Ferguson.

1. Agronegócio. 2. Rentabilidade. 3. Soja.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e aos meus tios, pelo apoio incondicional em todos os momentos que passei durante o período acadêmico. Sempre aconselhando, acreditando e dando forças para que eu pudesse alcançar os meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que fez e faz por mim, por todas as pessoas que Ele colocou cuidadosamente no meu caminho.

Aos meus pais por todo o amor, confiança e carinho. Por sempre mostrarem o caminho certo, incentivando e acreditando nos meus sonhos. Serei sempre grata a vocês, meus pais amados Nestor e Nilda.

Aos meus tios Osvaldo e Nildete pelo companheirismo, paciência, amor e fé. Sem vocês, talvez, fosse mais difícil chegar até aqui, obrigada pela confiança.

A minha irmã Mayara e a minha sobrinha Isabella, que sempre trazem um sorriso no rosto, tornando os meus dias melhores e mais alegres.

Agradeço a todos os meus amigos por sempre estarem presentes, em especial Jámille, Gerlliana, Erika e Carla, que sempre estiveram ao meu lado, tornando nossa amizade mais sólida.

Aos meus colegas de faculdade que me acompanharam nessa jornada acadêmica, pelos bons momentos proporcionados e dificuldades superadas.

Agradeço a minha Orientadora Prof.^a Ms. Débora Ferguson, pelos conhecimentos compartilhados, apoio, carinho e pelo auxílio na realização deste trabalho.

RESUMO

SILVA, Amanda Moraes. **Rentabilidade da cultura de soja: um estudo de caso na Fazenda Coqueiros em Rio Verde-Goiás**. 2013. 45p. Trabalho de Conclusão de Curso II (Graduação em Ciências Contábeis) – UniRV - Universidade de Rio Verde, Rio Verde, 2013.♦

O agronegócio brasileiro tem significativo poder econômico no mercado internacional dos produtos agrícolas, apresentando vários fatores relevantes que influenciam a qualidade dos seus produtos e o preço favorável. A cultura de soja é a principal atividade rural produzida em Goiás, e, a cidade de Rio Verde, a segunda maior produtora do Estado. Devido às transformações econômicas e a grande competitividade, os produtores rurais precisaram se adaptar às novas mudanças que o mercado exigia, e passaram a gerenciar os seus negócios, controlando os seus custos de produção para obter mais lucros. O objetivo da pesquisa foi de verificar a rentabilidade da cultura de soja cultivada no período de outubro/2012 a março/2013 na Fazenda Coqueiros no município de Rio Verde – Goiás. Nesse contexto, essa pesquisa se caracterizou como exploratória e descritiva e foi fundamentada em levantamentos bibliográficos e um estudo de caso. Os dados foram coletados de forma direta, a partir de controles e relatórios emitidos pela gestão da empresa, a análise envolveu práticas contábeis, econômicas e financeiras, na qual se verificou a utilidade das informações para o planejamento e controle dos custos de produção da soja. Os resultados encontrados evidenciam que a cultura de soja da propriedade no período apresenta uma rentabilidade econômica e financeira positiva.

PALAVRAS-CHAVE

Agronegócio, rentabilidade, soja.

♦ Orientadora: Prof.^a Ms. Débora Ferguson – UniRV.

ABSTRACT

SILVA, Amanda Moraes. **Profitability of soybean cultivation: a case study on the Coqueiros Farm in Rio Verde Goiás**. 2013. 45p. Work of Conclusion Course II (Graduation in Accountant Sciences) – UniRV - University of Rio Verde, Rio Verde, 2013.♦

The Brazilian agribusiness has a significant economic power on the international Market of agricultural products, presenting several relevant factors that end up influencing on the quality of their products and a favorable price. The cultivation of soybean is the main rural activity produced in the state of Goiás, and the city of Rio Verde, which is the second biggest producer in the state. Due to the economic transformation and big competitive edges, the rural products needed to adapt to the new changes of the market, so they started to manage their trade, controlling their costs of production to gain more profit. The goal of the research was to verify the profitability of the soy bean cultivated on the period of October/2012 to march/2013 of the Coqueiros Farm on the city of Rio Verde-Goiás. On this context, this research was characterized as exploratory and descriptive; it was based in bibliographic surveys and a case study. The data was collected in a right way, from controls and reports issued by the business management. The analysis involved accounting practices, economical and financial, in which was found the utility of the information for plan and control of costs on the soybean production. The results found on the research, show that the cultivation of the soybean on the property on the period shown, represents a positive economic and financial profitability.

KEY-WORDS

Agribusiness, profitability, soybean.

♦ Leader: Teacher Ms. Débora Ferguson – UniRV.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Demonstrativo dos custos da produção de soja.....	31
QUADRO 2	Margem bruta da cultura de soja – safra 2012/2013.....	32
QUADRO 3	Margem operacional da cultura de soja – safra 2012/2013.....	33
QUADRO 4	Margem líquida da cultura de soja – safra 2012/2013.....	34
QUADRO 5	Taxa de retorno sobre investimentos da cultura de soja – safra 2012/2013	35
QUADRO 6	Taxa de retorno sobre patrimônio líquido da cultura de soja – safra 2012/2013.....	36
QUADRO 7	Margem de contribuição da cultura de soja – safra 2012/2013.....	37
QUADRO 8	Ponto de equilíbrio contábil da cultura de soja – Safra 2012/2013.....	38
QUADRO 9	Ponto de equilíbrio financeiro da cultura de soja – safra 2012/2013.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Contextualização da pesquisa.....	10
1.2 Problema de pesquisa.....	11
1.3 Objetivos.....	11
1.3.1 Geral.....	11
1.3.2 Específicos.....	11
1.4 Justificativa.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 Agronegócio.....	13
2.1.1 Cadeia produtiva da soja.....	15
2.1.2 Produção de soja no Brasil.....	15
2.1.3 Produções de soja em Goiás.....	17
2.1.4 Produções de soja em Rio Verde.....	18
2.2 Atividade rural.....	18
2.3 Contabilidade rural.....	20
2.3.1 Custos de produção na cultura de soja.....	21
2.4 Indicadores de desempenho econômico.....	22
2.4.1 Margem bruta.....	23
2.4.2 Margem operacional.....	23
2.4.3 Margem líquida.....	24
2.4.4 Resultado econômico.....	24
2.4.5 Rentabilidade.....	25
2.4.5.1 Taxa de retorno sobre investimentos (TRI).....	25
2.4.5.2 Taxa de retorno sobre o patrimônio líquido (TRPL).....	26
2.4.6 Ponto de equilíbrio.....	26
2.6.1 Margem de contribuição.....	27
3 PROCEDER METODOLÓGICO.....	28

3.1 Quanto ao método de abordagem.....	28
3.2 Quanto aos objetivos.....	28
3.3 Quanto aos procedimentos.....	29
3.4 Quanto à técnica de coleta de dados.....	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
4.1 Análise dos dados.....	30
4.2 Margem bruta, margem operacional e margem líquida.....	32
4.2.1 Margem bruta.....	32
4.2.2 Margem operacional.....	32
4.2.3 Margem líquida.....	33
4.3 Taxa de retorno sobre investimentos (TRI) e taxa de retorno sobre patrimônio líquido (TRPL).....	34
4.3.1 Taxa de retorno sobre investimentos.....	34
4.3.2 Taxa de retorno sobre patrimônio líquido.....	35
4.4 Margem de contribuição.....	36
4.5 Ponto de equilíbrio contábil e financeiro.....	37
4.5.1 Ponto de equilíbrio contábil.....	37
4.5.2 Ponto de equilíbrio financeiro.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização da pesquisa

A atividade rural no Brasil deixou de ser uma atividade restrita à subsistência para ser também comercializada, uma grande fonte geradora de rendas para o país. O fazendeiro passou a ser empresário rural, produzindo e comercializando seus produtos no mercado interno e externo (BRUM; HECK, 2008). O objetivo principal é produzir mais e com menos recursos, utilizando de informações gerenciais necessárias para a tomada de decisão (MARION; SEGATTI, 2005).

A cultura de soja constitui importante fonte de recursos para o agronegócio brasileiro, sendo responsável por grande parte da matriz produtiva do país. Com o seu crescimento, proporciona benefícios para os demais setores econômicos, como expansão da atividade, geração de empregos, e renda (COSTA; BRUM, 2008). Goiás se tornou um grande representante do agronegócio nacional, sendo Rio Verde e Jataí os principais produtores, devido à produtividade, eficiência e qualidade nos campos (PATRONI, 2013).

Devido aos riscos e incertezas na agricultura, os gestores devem tomar decisões baseadas em informações técnicas e econômicas, para que evitem qualquer prejuízo na propriedade. É fundamental que se tenha conhecimento das informações sobre custos, receitas e viabilidade econômica, para que possam servir de auxílio na gestão e nos processos de tomada de decisões (RICHETTI, 2011).

O desempenho da atividade agrícola pode ser mensurado através do uso de indicadores econômicos que se utilizam dos custos de produção. Identificando esses custos, é possível realizar vários tipos de análises, entre elas a rentabilidade, que é uma ferramenta indispensável quando se procura verificar a eficiência de uma atividade produtiva (VIANA; SILVEIRA, 2008).

Nas empresas rurais os índices de desempenho são aplicados da mesma forma que em outros ramos de atividades, as características são comuns e possuem os mesmos elementos para análises se comparado a outras empresas. “Os indicadores de desempenho são elementos fundamentais para a mensuração de performance, assim como para a definição das variáveis

que melhor representem o desempenho geral de uma empresa” (CALLADO; CALLADO; MACHADO, 2007).

1.2 Problema de pesquisa

A rentabilidade é um importante indicador de desempenho de um negócio, baseado no investimento na aquisição ou estruturação, para verificar a capacidade de pagamento e da solidez financeira (GALHARDO, 2012).

Diante disso, o problema de pesquisa do estudo de caso que será apresentado busca saber: Qual a rentabilidade da cultura de soja cultivada na Fazenda Coqueiros no período de outubro/2012 a março/2013?

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Verificar qual a rentabilidade da cultura de soja cultivada no período de outubro/2012 a março/2013 na Fazenda Coqueiros em Rio Verde-Goiás.

1.3.1 Específicos

- Apresentar os aspectos teóricos que embasam o assunto em questão, abordando: Atividade Rural, Agronegócio, Contabilidade Rural, Indicadores de Desempenho Econômico;
- Levantar quais foram as despesas, os custos, e as receitas com a cultura de soja na Fazenda Coqueiros, na safra 2012/2013;
- Demonstrar a rentabilidade da atividade de soja no período.

1.4 Justificativa

A finalidade dessa pesquisa é demonstrar a importância de informações financeiras para as tomadas de decisões. A rentabilidade é um método que mostra se o capital investido está sendo retornado para a empresa. Assim, como coloca Martins (2003, p.15), “o

conhecimento dos custos é vital para saber se, dado o preço, o produto é rentável; ou, se não rentável, se é possível reduzi-los (os custos)”.

Muitas empresas rurais ainda encontram dificuldades em sua gestão, abstendo-se de informações que podem interferir diretamente no resultado. Para uma atividade ser rentável, é necessária uma gestão compatível com suas particularidades e características, fazendo com que essa estrutura mantenha a empresa competitiva dentro da indústria em que ela atua. (CALLADO; CALLADO, 2011)

A contabilidade rural vem para ser parceira do produtor rural, gerando informações precisas e úteis para a administração. A empresa rural também tem suas despesas e custos que precisam ser controlados (REIS, 2012). Com a contabilidade de custos aplicada na empresa, as informações geradas serão as mais próximas da realidade, podendo ser realizada por métodos de rateios que identificam as despesas em cada setor da produção.

As informações que serão analisadas nessa pesquisa e o resultado obtido poderão auxiliar outros produtores rurais a ter conhecimento da viabilidade dos seus negócios, verificando se as atividades praticadas em suas propriedades trazem o retorno esperado no final do período investido. Também, poderá abrir novos nichos de pesquisa, referente às informações financeiras e contábeis que auxiliam os produtores rurais nas tomadas de decisões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Agronegócio

O Agronegócio (do termo em inglês *agribusiness* cunhado por John H. Davis e Ray A. Goldberg, no ano de 1957 em um congresso sobre distribuição de alimentos), é conceituado como sendo a “contribuição à atividade econômica requerida para que alimento, vestuário, calçado e fumo cheguem aos consumidores domésticos e também para apoiar as exportações agrícolas” (MENDES; PADILHA, 2010, p.47).

O agronegócio é um conjunto de operações relacionado a produção, armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e dos itens que são produzidos a partir deles (DAVIS; GOLDBERG, 1957).

Batalha e Silva (2011, p.5) consideram que “as atividades agrícolas são parte de uma extensa rede de agentes econômicos, desde a produção de insumos, transformação industrial até armazenagem e distribuição de produtos agrícolas e derivados”.

Após a utilização do termo “agronegócio” a propriedade rural foi vista com mais interesse, passando a ser uma organização agroindustrial, criando novos paradigmas e estabelecendo novos tipos de negócios, no formato de sistemas. (CALLADO; CALLADO, 2011)

De acordo com Batalha e Silva (2011) existem três tipos de sistemas, sendo o primeiro deles o sistema agroindustrial, definido como um conjunto de atividades que produzem os produtos agroindustriais, como: a agricultura, a pesca, pecuária; o complexo agroindustrial, quando a matéria-prima de base sofre diversas transformações, passando por cadeias de produção para obter um produto; e a cadeia de produção agroindustrial que é o processo de determinar e identificar o produto, para que ele chegue ao seu destino final.

Esses sistemas na visão do agronegócio são divididos em três partes: o setor de suprimentos agropecuários; produção agropecuária; e processamento e manufatura. Esses sistemas são inter-relacionados entre si, um dependente do outro. Existe outra maneira de visualizar esses sistemas, dividido em cinco partes:

Insumos (compostos pelas indústrias que fornecem insumos e serviços necessários à produção agrícola); produção (que converte os insumos em matérias-primas agrícolas); comercialização de produtos agrícolas in natura (que consiste nos vários métodos pelos quais o agricultor vende ou armazena seu produto); processamento/serviços/embalagem ou distribuição (que consiste naquelas indústrias que fazem os processos e serviços de transformação de matérias-primas agrícolas em produtos manufaturados) e o de consumo (MENDES; PADILHA, 2010, p.49).

Para Mendes e Padilha (2010, p.50),

as instituições e organizações do agronegócio podem ser divididas em três categorias: as operacionais (produtores, processadores, distribuidores); fomentadoras (empresas de suprimentos de insumos, centros de pesquisas, entre outros); e as coordenadoras (que regulamentam as atividades do sistema, como o governo, sindicatos, associações, etc.). Essas categorias estão envolvidas de certa forma em sete das principais funções do agronegócio, que são: suprimento de insumos à produção; produção; transformação; acondicionamento; armazenamento; distribuição e consumo.

Sobre o Agronegócio Brasileiro, Jank, Nassar e Techinardi (2005) dizem que o mesmo, coloca o país entre as nações mais competitivas do mundo na produção de *commodities* agroindustriais, com enorme potencial de expansão horizontal e vertical da oferta. Essa competitividade decorre de uma combinação de fatores, entre eles principalmente investimentos em tecnologia e pesquisa, que levaram ao aumento exponencial da produtividade.

Segundo Reis (2011, p.61-62):

a produtividade da empresa rural está diretamente relacionada com os padrões de qualidade existentes, e o Brasil apresenta vários pontos fortes, quando comparada com a agricultura de outros países. Alguns deles são: disponibilidade de terras; clima favorável; tecnologia para agricultura tropical; recursos humanos qualificados; capacidade de gestão; estrutura de comercialização; potencial de bioenergia; políticas de fomento; e competitividade.

Devido ao crescimento da população mundial, tem-se a estimativa de que a demanda de alimentos irá ter um aumento relevante nos próximos anos, sendo necessário que a cada 50 anos dobre a quantidade de suprimentos. E que o Brasil se destaca por ser um dos poucos países a ser capaz de suprir essa demanda supramencionada (PALERMO, 2009).

2.1.1 Cadeia produtiva da soja

De acordo com Pinazza (2007), a cadeia produtiva da soja é de grande importância para a economia do Brasil, destacando-se como a principal cultura explorada no mercado

interno. O país é o maior exportador, e o segundo maior produtor de soja a nível mundial, atrás apenas dos Estados Unidos. Em razão dos baixos custos de produção, tecnologia no campo, escala e capital entre outros fatores relevantes, faz com que o Brasil tenha capacidade de competitividade internacional.

Para Callado e Callado (2011, p.2), “cadeia de produção agroindustrial é um arranjo produtivo que possui um produto como referência base para identificar os inúmeros encadeamentos existentes entre os agentes econômicos responsáveis pelas operações técnicas, comerciais e logísticas”. Existem segmentos de operações para que as cadeias produtivas sejam desenvolvidas, entre eles estão os três principais:

- a) Cadeia de operações: são sequências de operações de processamentos e transformações identificados isoladamente, mas interligadas a partir de aspectos técnicos;
- b) Cadeia de comércio: é o caminho que o produto percorre ao longo de suas transformações, um conjunto de atividades comerciais e financeiras, desde os fornecedores até os consumidores finais;
- c) Cadeia de valor: são os conjuntos de atividades econômicas que mensuram e registram os valores dos meios de produção (CALLADO; CALLADO, 2011).

A cadeia produtiva é a soma de processos inter-relacionados que oferece os produtos aos consumidores, e para se tornar competitiva é necessário que haja a integração entre os seus elos, para satisfazerem as necessidades e atenderem as expectativas dos clientes e consumidores finais (REIS, 2011).

2.1.2 Produção de soja no Brasil

As primeiras espécies de soja foram encontradas na China, eram plantas rasteiras que se desenvolviam perto de rios e lagos; fazendo parte da alimentação chinesa há mais de 5.000 (cinco mil) anos. No século XI, alguns cientistas chineses fizeram cruzamentos naturais, esse período ficou conhecido como processo de ‘domesticação’ da soja, e a partir desse processo a soja passou a ser introduzida em outros países asiáticos, e aos poucos se espalhando pelo Ocidente (APROSOJA, s.d.).

O cultivo de soja para comercialização se inicia nos primeiros anos do século XX, nos Estados Unidos, e, em 1.919, o grão de soja se tornou item importante no comércio exterior, no ano 1.921 com a fundação da ASA (*American Soybean Association*) considerou-

se o marco da consolidação da cadeia produtiva da soja em esfera mundial (APROSOJA, s.d.).

A soja chegou ao Brasil no ano de 1.882, quando o professor Gustavo Dutra da Escola de Agronomia da Bahia realizou os primeiros estudos de avaliação dos cultivares daquele país. Em 1.891 foram feitos testes de adaptação semelhantes aos de Dutra no Instituto Agrônomo em Campinas – SP, e no ano de 1.900/1.901 foram distribuídas as sementes para os produtores paulistas, e, em 1.914, deu-se o primeiro registro de cultivo da soja na cidade de Santa Rosa – RS, onde o clima era favorável para que ela se desenvolvesse semelhante ao clima no sul dos Estados Unidos (EMBRAPA, s.d.).

O primeiro benefício econômico da soja ocorreu nos anos 1.940 e, nesse mesmo ano, instalou-se a primeira indústria processadora de soja no país, e em 1.949 com a produção de 25.000 toneladas, o Brasil figurou pela primeira vez, como produtor de soja nas estatísticas internacionais (EMBRAPA, s.d.).

A expansão da produção de soja deu-se início nos anos 1.970. Um dos fatores do seu desenvolvimento ocasionou-se devido às várias pesquisas realizadas pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) para que os solos do cerrado se apropriassem para o cultivo da soja, investindo em tecnologia e pesquisas para que ela se desenvolvesse nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Assim, na década de 70, a soja já era a principal cultura do agronegócio nacional (APROSOJA, s.d.).

Com o desenvolvimento de novos cultivares adaptados às diferentes regiões agroclimáticas do país, o Brasil tornou-se o segundo maior produtor mundial da soja. (BIODIESEL, s.d.). Segundo dados do Ministério da Agricultura, “a soja é a cultura que mais cresceu nas últimas três décadas e corresponde a 49% da área plantada em grãos do país”.

Para Marion e Segatti (2005):

o Brasil sempre foi citado como o possível ‘celeiro do mundo’, devido às vantagens como extensão territorial, diversidade dos solos, inexistência de adversidades climáticas insuperáveis, disponibilidade de recursos hídricos, ser um dos maiores mercados do mundo, baixo custo de terras e disponibilidade de mão de obra.

A cultura de soja constitui importante fonte de recursos para o agronegócio brasileiro, sendo responsável por grande parte da matriz produtiva do país. Com o seu crescimento, proporciona benefícios para os demais setores econômicos, como expansão da atividade, geração de empregos e renda. “O período de elevado crescimento e desenvolvimento do complexo soja brasileiro rendeu bons frutos para a economia. [...] Assim,

o incremento da renda agrícola na economia como um todo tem o efeito de estimular o ‘círculo virtuoso do crescimento’” (COSTA; BRUM, 2008, p.215).

O Brasil continuará tendo significativo papel no comércio externo dos produtos agrícolas nos próximos dez anos, sendo a soja em grão brasileira um dos maiores destaques, com uma estimativa de participação de 44% nas exportações mundiais. (MOTA, 2013)

2.1.3 Produções de soja em Goiás

A cultura de soja começou a ser cultivada no estado de Goiás no final dos anos 60, do século XX, quando foram desenvolvidas pesquisas para que essa oleaginosa se adaptasse aos campos do cerrado goiano, tais pesquisas foram desenvolvidas, principalmente, pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), que trouxe essa cultura não somente para o Centro-Oeste, mas também se expandindo pelo Norte e Nordeste. Mas é a partir dos anos 80 que a soja torna-se destaque da cultura goiana (PIRES, 2005).

Após as transformações da década de 70, o estado de Goiás se tornou um grande representante do agronegócio nacional. No ano 2000, o total de áreas cultivadas chegou a 1.491.066 hectares; em 2005, registrou-se 2.591.954 hectares, com uma variação nesse período de 73,8%, e sua produtividade equivalente a 6.091.676 toneladas, um aumento de 48,8% (PIRES, 2005).

Em Goiás, dos 64 produtos pesquisados, três culturas responderam por 75,6% da produção estadual, sendo a soja a cultura de maior valor de produção com 38,1%, seguida pela cana-de-açúcar e o milho (MARTINS, 2012).

A metade da produção de soja no estado de Goiás é representada pela região sul com dez municípios, com destaques para Rio Verde e Jataí, que são consideradas as principais produtoras, respondendo por 21,4% da soja cultivada no Estado. (PIRES, 2005)

Em 2010, Rio Verde liderou a produção de soja do estado, perdendo no ano seguinte para o município de Jataí, e a cidade de Cristalina permaneceu em segundo (MARTINS, 2012).

Existe uma estimativa para a safra 2012/2013 em Goiás da plantação da soja em uma área total de 2,81 milhões de hectares e sua produtividade, em cerca de 8,43 milhões de toneladas. Esta previsão foi estabelecida devido aos menores custos relativos de produção, e aos preços sustentáveis durante sua comercialização, principalmente, antes da colheita, procurando obter um maior retorno financeiro (RIBEIRO, 2012).

2.1.4 Produções de soja em Rio Verde

A cidade de Rio Verde é considerada como uma das principais cidades produtoras de soja do estado de Goiás, se destacando por suas características no campo, como a agricultura técnica que alimenta uma forte agroindústria. (PATRONI, 2013)

De acordo com a Prefeitura Municipal de Rio Verde, o desenvolvimento da cidade começou a partir de 1970, quando os agricultores da região de São Paulo e Sul do Brasil migraram para Rio Verde em busca da agricultura no cerrado. Com essa migração trouxeram, também, maquinários, tecnologias e experiências que ao longo dos anos se tornou referência de produtividade em Goiás, destacando-se também no país.

Esse resultado positivo de produtividade, eficiência e qualidade nos campos de Rio Verde tem como principal característica o empenho dos agricultores, que souberam sobressair-se sobre os gargalos que existem da porteira para fora. Esses esforços trouxeram para a cidade implantações agroindustriais que se tornaram referências da cidade. Um exemplo é a Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano – Comigo, que abriu portas para outros investimentos da área agroindustrial, proporcionando para a cidade crescimento de renda, da oferta de empregos e, sobretudo da qualidade de vida em Rio Verde, onde pequenos e médios produtores rurais, hoje são considerados grandes empresários no ramo do agronegócio (PATRONI, 2013).

2.2 Atividade rural

De acordo com Marion (2012), as empresas rurais são aquelas que exploram a produtividade do solo, por meio de cultivo da terra, criação de animais e transformação de alguns produtos agrícolas. As atividades rurais podem ser divididas em: produção vegetal (atividade agrícola); produção animal (atividade zootécnica); indústrias rurais (atividade agroindustrial).

Segundo Crepaldi (1998, p.23), “empresa rural é a unidade de produção em que são exercidas atividades que dizem respeito a culturas agrícolas, criação de gados ou culturas florestais, com a finalidade de obtenção de renda”.

A atividade rural no Brasil deixou de ser uma atividade restrita a subsistência para ser também comercializada, uma fonte geradora de rendas. Após as revoluções que mudaram todo o cenário agrário, houve mudanças significativas que proporcionaram ao produtor rural melhorias tanto na qualidade de vida, como na fonte de renda para o sustento da família. O

fazendeiro passou a ser empresário rural, produzindo e comercializando seus produtos no mercado interno e externo (BRUM; HECK, 2008).

A modernização da agricultura brasileira começou na década de 50, quando houve aquisição de máquinas e a utilização de insumos no meio rural. Nos anos de 1970 a agricultura deixa de ser “complexo rural” e passa a ser vista a partir de “complexo agroindustrial”, em que a agricultura fornece a matéria-prima e a indústria transforma esses produtos (BRUM; HECK, 2008).

A agroindústria segundo Lourenço (2010), envolve todo um complexo agroindustrial, desde a preparação para o cultivo (antes da porteira), a produção (dentro da porteira) e os processos de transformação até a distribuição para os consumidores (depois da porteira).

No Brasil, um dos setores mais importantes da economia é a agroindústria, que vem se desenvolvendo ao longo dos anos. A atividade agrícola sempre esteve ligada a esse crescimento do país, principalmente, pela sua inserção no mercado mundial. A partir dos anos 70, o setor primário passou por algumas mudanças que mudou sua estrutura, aumentando a capacidade de produção, e, conseqüentemente, proporcionava a industrialização-urbanização, o emprego, os alimentos industrializados, movimentando a economia tanto no mercado externo, quanto interno (BLÁCIDO, 2012).

Ainda de acordo com Blácido (2012), em meados dos anos 80, a fonte de crescimento no setor da agroindústria passou a ser endógeno, e um dos fatores que contribuiu para seu desenvolvimento foi a exposição do mercado internacional, fazendo com que os agricultores buscassem eficiência microeconômica para competir e os nossos produtos fossem expandidos pelo mercado externo. Além disto, a agroindústria construiu um sistema de financiamento adequado e soube usufruir dos frutos do investimento em pesquisas realizadas na década de 70, feitas principalmente, pela Embrapa.

A partir de 1950 a soja se tornou de grande importância para a economia do Brasil, possibilitando o desenvolvimento do setor agroindustrial. (BARBOSA; ASSUMPCÃO, 2001)

2.3 Contabilidade rural

Os fazendeiros, produtores, famílias rurais estão se transformando em empresários, que tem entre outras funções administrar, planejar e controlar os seus negócios. O objetivo principal é produzir mais e com menos recursos, utilizando de informações gerenciais necessárias para a tomada de decisão (MARION; SEGATTI, 2005).

O empresário rural deve buscar aprimorar o gerenciamento de suas atividades, diminuindo os custos de produção, melhorando o planejamento e controle das atividades, gerando informações precisas e relevantes sobre a situação real da produção e o resultado das culturas de sua propriedade (HOFER et al., 2006).

Para Reis (2012), a contabilidade rural vem para ser parceira do produtor rural, proporcionando informações para a administração. Ele coloca que como qualquer outro tipo de empresa, a propriedade rural também tem seus custos, despesas e receitas para serem controlados. Os responsáveis pela administração podem buscar formas de adequar a contabilidade para o tipo de atividade realizado pelo produtor rural, possibilitando a geração de “relatórios contábeis que possam dar subsídios suficientes para auxiliá-los na tomada de decisões” (CALLADO; ALMEIDA, 2005).

A contabilidade é funcional para todos os tipos de empresas, sendo capaz de traduzir o desempenho do negócio e se o objetivo principal (o lucro) está sendo atingido. E para que se possa ter sucesso na atividade, algumas ações propostas pela contabilidade são essenciais, como o controle patrimonial, a apuração dos resultados, a determinação do preço de vendas e o planejamento. Portanto, a contabilidade é um conjunto de operações que auxiliam os produtores rurais, possibilitando o acompanhamento dos resultados, o desempenho das atividades e da propriedade como um todo. (DOOR et al., 2012)

Para Callado e Callado (2011, p.86), “a contabilidade de custos é desenvolvida para atingir finalidades específicas, que podem estar relacionadas com o fornecimento de dados custos para a medição dos lucros, determinação da rentabilidade e avaliação do patrimônio [...]”. Os autores consideram ainda que a contabilidade de custos é pouco utilizada como sistema de informações gerenciais dos produtores brasileiros, devido à dificuldade de apropriar os custos para cada produto, e sobre as despesas que devem ser rateadas por todas as culturas cultivadas.

Segundo Hofer et al. (2006), os custos da atividade rural apresentam características semelhantes aos das atividades industriais e, também podem ser classificados em custos fixos e variáveis. As informações sobre os custos devem ser precisas em sua apuração, para que não prejudiquem e não comprometam as decisões a serem tomadas. É necessário que as empresas rurais implantem uma organização contábil para poderem acompanhar as alterações patrimoniais ocorridas, e, para que isso aconteça, os gestores devem compreender a importância da contabilidade para controlar os seus custos, para que haja o desenvolvimento da empresa (CALLADO; MORAES, 2011).

2.3.1 Custos de produção na cultura de soja

O controle dos custos na produção de soja podem auxiliar os gestores em suas atividades, proporcionando análises, o custo/benefício, decisões, os riscos e as oportunidades do mercado, com a finalidade de alcançar melhores resultados para a propriedade. (BROCH; PEDROSO, s.d.)

Os principais elementos diretos relacionados aos custos rurais da agricultura são: as antecipações agrícolas, sementes e plantas, fertilizantes ou adubação, defensivos agrícolas, seguros de custeio, juros de financiamento da produção e mão de obra assalariada. E os que estão indiretamente relacionados são as atividades auxiliares, que incluem irrigação, seguros, financiamento de investimento, profissionais autônomos e outros especialistas, reparos, conservação e depreciação (CALLADO; CALLADO; 2011).

Os custos de produção são aqueles relacionados na elaboração dos produtos, podendo ser fixos, variáveis ou mistos. Na atividade agrícola, os custos variáveis são determinados pelo montante a ser cultivado, os fixos são aqueles relacionados à manutenção da atividade, e os mistos apresentam os dois tipos de custos, os fixos e os variáveis, de acordo com o volume de vendas ou a produção (HOFER et al., 2006).

Devido aos riscos e incertezas na agricultura, os gestores devem tomar decisões baseadas em informações técnicas e econômicas, para que evitem qualquer prejuízo na propriedade. É fundamental que se tenha conhecimento das informações sobre custos, receitas e viabilidade econômica de seu negócio, para que possam auxiliar na gestão e nos processos de tomada de decisões (RICHETTI, 2011).

Para complementar, Brosh e Pedroso (s.d.) definem que:

os sistemas de produção da atividade agropecuária cada vez mais requerem um grau de conhecimento técnico, econômico e administrativo para garantir melhores resultados e manterem-se competitivos. Para isso, é preciso ter um planejamento mais amplo, que utilize as informações de mercado gestão dos recursos, dentre outros, que contribuem para a tomada de decisão mais correta, melhorando assim a eficiência e a competitividade do setor produtivo.

A rentabilidade da cultura da soja depende de diferentes variáveis, dentre elas, o nível de tecnologia aplicada, os custos de produção, a produtividade média alcançada e o preço de comercialização dos grãos (BROCH; PEDROSO, s.d.) O conhecimento detalhado da viabilidade econômica dos sistemas de produção contribui para verificar a rentabilidade do

negócio e agregar melhorias na tomada de decisão, buscando analisar o cenário do agronegócio e decidir qual a tecnologia apropriada para sua propriedade (RICHETTI, 2011).

2.4 Indicadores de desempenho econômico

Com o desenvolvimento da agricultura e conseguinte modernização do Brasil durante o século XX, houve a necessidade de maximizar o uso dos fatores de produção para que maiores níveis de rentabilidade e produtividade no campo fossem alcançados, buscando a eficiência produtiva. E para que essa eficiência se realizasse, tornou-se necessário a administração rural, que identifica os principais gargalos dentro dos sistemas produtivos, e através de informações levantadas propõe intervenções com o objetivo de aumentar a eficiência (VIANA; SILVEIRA, 2008).

Os indicadores econômicos têm a finalidade de avaliar a capacidade que a empresa tem de gerar valores para a remuneração de todos que participam da atividade, entre eles os acionistas, trabalhadores, fornecedores e demais colaboradores. A rentabilidade, eficiência e produtividade são alguns exemplos de indicadores econômicos (NUNES, 2009).

O desempenho da atividade agrícola pode ser mensurado através do uso de indicadores econômicos que se utilizam dos custos de produção. Identificando os custos de produção, é possível proceder a vários tipos de análises, entre elas a rentabilidade, que é uma ferramenta indispensável quando se procura verificar a eficiência de uma atividade produtiva. As medidas de desempenho são obtidas através dos dados da Receita Bruta Total (RBT) e dos custos de produção. No meio agrícola, algumas medidas mais utilizadas são a Margem Bruta (MB), Margem Líquida (ML) e a Renda Operacional Agrícola (ROA) (VIANA; SILVEIRA, 2008).

2.4.1 Margem bruta

Tibúrcio (2012) define margem bruta como a demonstração de quanto a empresa ganha pelo resultado de sua atividade, retirando os custos dos produtos/mercadorias vendidas e serviços prestados e deduções de impostos sobre vendas, assim como outros abatimentos; e quanto maior for a margem bruta, maior será a rentabilidade de suas vendas.

A margem bruta é um indicador utilizado na análise financeira, expressando a relação entre o resultado bruto e sua receita líquida de vendas, indicando a porcentagem de cada R\$ 1,00 de venda que restou após a quitação dos custos das mercadorias ou produtos.

Também, poderá ser calculada como sendo o quociente entre o resultado bruto e a receita líquida de vendas da empresa (LOPES, s.d.).

Para Philippe (2009), esse indicador tem a capacidade de avaliar o lucro da atividade, descontando os ganhos financeiros. Indica quanto os ativos operacionais produzem, o aumento de caixa e sua eficiência.

Seguindo os conceitos de Tibúrcio (2012), o cálculo da margem bruta será feito pela fórmula:

$$\text{Margem Bruta} = (\text{Lucro Bruto} / \text{Vendas Líquidas}) \times 100.$$

Sendo o lucro bruto, o lucro obtido após retirar das vendas o custo das mercadorias e serviços prestados; e as vendas líquidas representam as vendas após retirar as devoluções, os impostos incidentes sobre vendas, os abatimentos e outras deduções (TIBÚRCIO, 2012).

2.4.2 Margem operacional

Para Tibúrcio (2012), a margem operacional demonstra qual o lucro operacional obtido por uma empresa para cada unidade de venda realizada, correspondendo ao resultado operacional. O lucro operacional é proveniente dos investimentos realizados nos seus ativos, incluindo as receitas financeiras e as receitas não operacionais, e aquelas advindas com investimento em outras empresas, também, estão inclusas nesse procedimento.

Para calcular esse índice é utilizada a fórmula:

$$\text{Margem Operacional} = (\text{Lucro Operacional} / \text{Vendas Líquidas}) \times 100.$$

O resultado dessa operação pode ter uma variável entre -100% até o infinito, de acordo com o resultado do período, se positivo ou negativo. Para que sua margem de contribuição possa aumentar, a empresa poderá melhorar o retorno do ativo ou obter um giro maior em suas vendas (TIBÚRCIO, 2012).

2.4.3 Margem líquida

A margem líquida indica o percentual de retorno sobre as fases de suas operações, o quanto restará aos acionistas em relação às receitas com vendas e prestação de serviços. Demonstra o lucro líquido para cada unidade vendida na empresa (TIBÚRCIO, 2012).

A fórmula utilizada para calcular a margem líquida, de acordo com Tibúrcio (2012) é a seguinte:

$$\text{Margem Líquida} = (\text{Lucro Líquido} / \text{Vendas Líquidas}) \times 100$$

“Os índices de margem operacional e líquida representam a rentabilidade sobre as vendas, e, quanto maior for o índice, maior a rentabilidade da empresa” (BESSA, 2010). Para uma melhor visão dos índices de desempenho, Tibúrcio (2012) sugere que seja feito, uma análise conjunta da margem bruta, operacional e líquida. Pois cada tipo de margem oferece informações diferentes que se agregadas, indicam a situação real da empresa, na visão dos acionistas, do comportamento do lucro, por exemplo. Esses resultados poderão ser comparados com outras empresas do mesmo segmento, analisando os concorrentes e os fatores externos.

2.4.4 Resultado econômico

Os resultados obtidos a partir da aplicação de índices econômicos e financeiros podem influenciar diretamente nos resultados e no processo de tomada de decisão dos gestores, contribuindo para as análises de balanços, planejamentos e perspectivas futuras (CAZAROTTO; TRENTIN, 2012).

Nas empresas rurais, os índices de desempenho são aplicados da mesma forma que em outros ramos de atividades, as características são comuns e possuem os mesmos elementos para análises se comparado a outras empresas. “Os indicadores de desempenho são elementos fundamentais para a mensuração de performance, assim como para a definição das variáveis que melhor representem o desempenho geral de uma empresa” (CALLADO; CALLADO; MACHADO, 2007).

Conforme citado pelos autores, a contabilidade além de prestar serviços aos gestores nas informações de caráter financeiro, também, é uma grande ferramenta utilizada para auxiliar o processo administrativo. Para cada setor específico, podem ser aplicados os procedimentos para medir o desempenho, fazendo parte de uma sequência lógica, a fim de mensurar e avaliar os resultados de produtividade e eficiência (CALLADO; CALLADO; MACHADO, 2007).

2.4.5 Rentabilidade

A rentabilidade é o resultado da comparação entre o retorno que se teve, comparado a outras taxas de retornos com o mesmo montante, aplicado a outros tipos de investimento. É como a mesma estratégia utilizada para conduzir o seu negócio, mas aplicada a um diferente investimento, fazendo a comparação com a que traz mais retorno do capital investido (HILSDORF, 2012).

Para a análise da rentabilidade em certo período de tempo, deve-se relacionar o lucro da empresa com algum outro valor que expresse a mesma dimensão. O melhor conceito de dimensão poderá ser volume de vendas, o valor do ativo total, o valor do patrimônio líquido, ou o valor do ativo operacional, irá depender da aplicação que será utilizada. A rentabilidade do capital investido na empresa é mensurada através do confronto entre contas de resultados, ou contas patrimoniais (BARATA; MOREIRA, 2003).

O Capital Próprio e o Capital de Terceiros são as fontes de financiamento do Ativo, a rentabilidade é medida em função dos investimentos realizados na empresa. Portanto, o gerenciamento adequado do Ativo traz maior retorno para a empresa. A taxa de Retorno sobre Investimentos (TRI) mostra a rentabilidade na visão da empresa, e a taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido (TRPL), mostra a rentabilidade na visão do empresário (BARATA; MOREIRA, 2003).

2.4.5.1 Taxa de Retorno sobre investimentos (TRI)

Este índice mostra quanto a empresa está obtendo de retorno em relação ao total de seus investimentos, e a partir dele poderá ser determinado também o *'payback'*, que significa em quanto tempo o investimento será recuperado pela empresa (WILSON, 2011). Para medir esse índice é utilizada a fórmula:

$$\text{Taxa de Retorno sobre Investimentos (TRI)} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}} \times 100$$

2.4.5.2 Taxa de retorno sobre o patrimônio líquido (TRPL)

A utilização deste índice mede a remuneração dos capitais próprios investidos na empresa, o quanto foi adicionado ao patrimônio líquido decorrente do resultado do período (WILSON, 2011). Segue a fórmula:

$$\text{Taxa de Retorno sobre PL (TRPL)} = \text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido} \times 100$$

2.4.6 Ponto de equilíbrio

O ponto de equilíbrio analisado na empresa, em determinado período de tempo, nível de atividade, mensurado em receitas ou volume/unidades de produção, expressa quando a empresa não terá prejuízo, nem lucro (SCRAMIM; BATALHA, 2011). A empresa atingirá o ponto de equilíbrio quando o número de unidades vendidas é o suficiente para a empresa pagar seus custos fixos e variáveis sem gerar lucro (ZORZAL, s.d.).

O Ponto de Equilíbrio nasce da conjugação dos Custos e Despesas Totais com as Receitas Totais. Existem pelo menos três métodos utilizados: Contábil quando as Receita menos os Custos e Despesas Totais dão resultado nulo; Econômico, quando dão como resultado o Custo de Oportunidade do Capital Próprio empregado; e Financeiro quando o valor das disponibilidades permanece inalterado, independentemente de haver resultado contábil ou econômico (MARTINS, 2003).

Segundo a definição de Rabelo (2011):

- Ponto de Equilíbrio contábil é quando a soma das margens de contribuição é suficiente para cobrir todos os custos e despesas fixas, nesse caso resulta em lucro zero. Utiliza-se a fórmula:

$$\text{PEC} = \text{Custos e Despesas Fixos} / \text{Margem de Contribuição}$$

- Ponto de Equilíbrio econômico além de cobrir os custos fixos e as despesas fixas, cobre também o custo de oportunidade (remuneração do capital). Utiliza-se a fórmula:

$$\text{PEE} = \text{Custos e Despesas Fixas} + \text{Custo de Oportunidade} / \text{Margem de Contribuição}$$

- Ponto de Equilíbrio Financeiro, são excluídas as despesas que não sofrem desembolso, exemplos são depreciação, amortização, ou exaustão. Utiliza-se a fórmula:

$$\text{PEF} = \text{Custos e Despesas Fixas} - (\text{Depreciação}) / \text{Margem de Contribuição}$$

O ponto de equilíbrio corresponde a certo nível de atividades onde o lucro será nulo, envolve as quantidades produzidas e vendidas com seus respectivos preços e determinadas vendas, em relação aos custos e despesas variáveis e fixos. É um instrumento de grande valia para a gerência visualizar a situação econômica das operações efetuadas na empresa,

aproveitando as relações entre as variáveis custo-volume-lucro, em um período de curto prazo. Também, auxilia aos administradores nos planejamentos e tomadas de decisões com mais segurança (ZORZAL, s.d.).

2.6.1 Margem de contribuição

A margem de contribuição é a diferença entre o preço de venda e seu custo variável, ou seja, é o valor que sobra para a empresa após a venda, retirando os seus custos e despesas variáveis, considerando que a receita seja líquida, livres dos impostos incidentes sobre ela. A partir dela, torna-se mais perceptível a potencialidade que cada produto pode oferecer, demonstrando como cada um contribui para amortizar os gastos fixos, e depois, formalizar o lucro (MARTINS, 2003).

De acordo com Lobrigatti (2004), a fórmula para saber a margem de contribuição é:

$$\text{Margem de Contribuição} = \text{Valor das vendas} - (\text{Despesas Variáveis} + \text{Custos Variáveis})$$

Conhecer a Margem de Contribuição que as vendas proporcionam para a empresa é de grande relevância para o planejamento dos gestores, pois ela pode ser fixada no momento do cálculo do preço de venda, fazendo com que a empresa se torne competitiva no mercado (LOBRIGATTI, 2004).

3 PROCEDER METODOLÓGICO

A metodologia são os procedimentos utilizados pelo autor para se chegar ao objetivo da pesquisa.

Para Parra e Almeida (2002), após a definição do assunto a ser estudado, deve-se definir o caminho a ser seguido, ou seja, quais elementos são necessários e como utilizá-los para que os objetivos sejam atingidos. A forma como utilizar os recursos disponíveis, a apresentação dos objetivos e procedimento do pesquisador para atingir o resultado esperado denomina-se metodologia.

Segundo Gil (2002), as pesquisas poderão ser classificadas quanto ao método de abordagem, aos objetivos, aos procedimentos e quanto à técnica de coleta de dados.

3.1 Quanto ao método de abordagem

Para Marconi e Lakatos (2001), o método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade. É, portanto, denominado método de abordagem, que engloba: método indutivo, método dedutivo, método hipotético-dedutivo e método dialético.

Para a realização deste trabalho, será utilizado o método indutivo, que se caracteriza pelo processo pelo qual, o pesquisador por meio de um levantamento particular, chega a determinadas conclusões gerais, ou seja, parte-se do específico para o geral. Os dados serão levantados a partir de relatórios emitidos pela empresa rural, para que o objetivo da pesquisa seja aplicado, e o resultado obtido.

3.2 Quanto aos objetivos

Quanto aos objetivos, a pesquisa poderá se caracterizar por ser exploratória, explicativa ou descritiva.

Essa pesquisa terá caráter exploratório, e segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema e aprimorar ideias.

Serão exploradas todas as informações necessárias para a realização dessa pesquisa, como quantidade, volumes, valores, sendo descritas todas as características relevantes que foram utilizadas no decorrer do estudo.

3.3 Quanto aos procedimentos

Os procedimentos da pesquisa de acordo com Gil (2002) podem ser: bibliográfica, documental, de campo, estudo de caso, experimental, pesquisa de ação e pesquisa participante.

A seguinte pesquisa será bibliográfica, seguida de um estudo de caso.

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de materiais já publicados, entre eles artigos, revistas, livros e periódicos. A maioria das pesquisas exploratórias é definida como pesquisas bibliográficas. E, quando a pesquisa tem a intenção de aprofundar conhecimento em determinado fator, fenômeno ou contexto define-se como estudo de caso (GIL, 2002).

O estudo de caso é a realização de uma pesquisa através de uma exploração intensiva de uma única unidade de estudo, analisa e aprofunda o conhecimento em poucos objetos e o conhecimento é mais detalhado (GIL, 2002).

Os procedimentos que serão utilizados no estudo estão fundamentados por autores de diversos tipos de publicações, como artigos, monografias, revistas, entre outros. Os métodos serão aplicados no estudo de caso realizado na Fazenda Coqueiros, com o intuito de proceder as verificações aprofundadas sobre as informações que serão obtidas.

3.4 Quanto à técnica de coleta de dados

A técnica de coleta de dados pode ser classificada em documentação indireta (pesquisa documental e bibliográfica) e documentação direta (intensiva e extensiva) (MARCONI; LAKATOS, 2001).

A técnica utilizada nessa pesquisa será a documentação direta, pois todas as informações necessárias, serão retiradas de relatórios emitidos pela gestão da empresa rural, e, por meio de documentos da propriedade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise dos dados

O estudo de caso em tela foi realizado na Fazenda Coqueiros na cidade de Rio Verde em Goiás, no período de outubro/2012 a março/2013. A propriedade contém maquinários agrícolas de alta tecnologia, que permitem toda a execução dos trabalhos desde o plantio até a colheita, contando também com a mão de obra qualificada.

As informações financeiras foram levantadas a partir de controles realizados na fazenda durante o período da safra, e os valores referentes aos custos, despesas e receitas incorridas foram específicos da cultura de soja.

QUADRO 1 – Demonstrativo dos custos da produção de soja.

Demonstrativo dos Custos da Produção de Soja - Fazenda Coqueiros - Safra 2012/2013			
Total de área produzida - 1.259,87 há			
Custos Variáveis			
Descrição		Custo Total	Custo/há
Sementes	R\$	317.800,00	252,25
Adubos e Fertilizantes	R\$	555.832,22	441,18
Calcário	R\$	16.320,00	12,95
Gesso	R\$	63.749,61	50,60
Defensivos Químicos	R\$	311.612,23	247,34
Combustíveis	R\$	159.461,30	126,57
Manutenção de máquinas, equipamentos e veículos	R\$	149.774,52	118,88
Fretes	R\$	72.853,76	57,83
Terceirizações	R\$	15.000,00	11,91
Royalties	R\$	19.800,00	15,72
Financiamento de capital de giro	R\$	231.889,20	184,06
Imposto sobre comercialização (Funrural)	R\$	89.028,15	70,66
Total	R\$	2.003.120,99	1589,94
Custos Fixos			
Descrição		Custo Total	Custo/há
Mão-de-Obra Fixa	R\$	274.768,88	218,09
Depreciações de máquinas, equipamentos e veículos	R\$	255.325,69	202,66
Assistência Agrônômica	R\$	28.200,00	22,38
Cantina	R\$	5.948,65	4,72
Assistência Médica e Hospitalar	R\$	24.981,77	19,83
Despesas Administrativas	R\$	202.576,23	160,79
Impostos e Taxas Diversas	R\$	56.747,31	45,04
Total	R\$	848.548,53	673,52
		Total	Por Há
Custos fixos e variáveis	R\$	2.851.669,52	2.263,46
Produtividade - Sacas de 60 Kg	R\$	76.520,00	60,74
Custo de produção - R\$/sc	R\$	37,27	

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Os custos incorridos durante a safra da cultura de soja foram divididos entre custos fixos e variáveis, apresentando o saldo total de R\$ 2.851.669,52, o que representa R\$ 2.263,46 por hectare.

A área total plantada foi de 1.259,87 ha, e foram colhidos 76.520 sacas de 60 Kg, resultando em uma produtividade média de 60,74 sc/ha e o custo médio por saca foi de R\$

37,27. O valor médio de venda, já descontados os impostos incidentes sobre a venda, da soja foi R\$ 49,42/sc, totalizando uma receita líquida de R\$ 3.781.763,89 no período.

4.2 Margem bruta, margem operacional e margem líquida

4.2.1 Margem bruta

O cálculo da margem bruta demonstra quanto a empresa ganha pelo resultado de sua atividade após retirar os custos incorridos e os impostos sobre comercialização, quanto maior for a margem bruta, maior será a rentabilidade das vendas.

QUADRO 2 – Margem bruta da cultura de soja – safra 2012/2013.

Margem Bruta da Cultura de Soja - Safra 2012/2013		
Margem Bruta = (Lucro Bruto/Vendas Líquidas)x100		
Receita Bruta	R\$	3.870.792,04
(-)Impostos sobre Comercialização	-R\$	89.028,15
Vendas Líquidas	R\$	3.781.763,89
(-)Custo da Mercadoria Vendida – CMV	-R\$	1.682.203,64
Lucro Bruto	R\$	2.099.560,25
Margem Bruta = (R\$ 2.099.560,25 / R\$ 3.781.763,89) x 100		
Margem Bruta = 55,51%		

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Na Fazenda Coqueiros, o resultado de 55,51% de margem bruta, demonstra que para cada R\$ 1,00 de venda, a propriedade obtém 0,55 centavos de lucro.

4.2.2 Margem operacional

A margem operacional corresponde ao lucro operacional obtido para cada unidade de venda realizada, podendo ter uma variável de -100% até o infinito. Quanto maior for o resultado da margem, maior será a lucratividade da empresa, e se a margem apresentar um resultado negativo significa que a empresa resultou em prejuízos.

QUADRO 3 – Margem operacional da cultura de soja – safra 2012/2013.

Margem Operacional da Cultura de Soja - Safra 2012/2013		
Margem Operacional = (Lucro Operacional/Vendas Líquidas)x100		
Receita Bruta	R\$	3.870.792,04
(-)Impostos sobre Comercialização	-R\$	89.028,15
Vendas Líquidas	R\$	3.781.763,89
(-)Custo da Mercadoria Vendida – CMV	-R\$	1.682.203,64
Lucro Bruto	R\$	2.099.560,25
(-)Financiamento de Capital de Giro	-R\$	231.889,20
(-)Despesas Administrativas	-R\$	848.548,53
Lucro Operacional	R\$	1.019.122,52
Margem Operacional = (R\$ 1.019.122,52 / R\$ 3.781.763,89) x 100		
Margem Operacional = 26,95%		

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

A margem operacional da Fazenda Coqueiros apresentada no Quadro 3, foi de 26,95%, ou seja, que a cada R\$ 100,00 de vendas realizadas, R\$ 26,95 representa o lucro das operações da fazenda, antes do imposto de renda e da remuneração dos financiadores.

4.2.3 Margem líquida

A margem líquida demonstra o lucro líquido obtido para cada unidade vendida, ou seja, o quanto sobra para os empresários em relação às receitas com vendas. Quanto maiores forem os índices de margem líquida e operacional, significa maior rentabilidade para a empresa.

QUADRO 4 – Margem líquida da cultura de soja – safra 2012/2013.

Margem Líquida da Cultura de Soja - Safra 2012/2013		
Margem Líquida = (Lucro Líquido/Vendas Líquidas)x100		
Receita Bruta	R\$	3.870.792,04
(-)Impostos sobre Comercialização	-R\$	89.028,15
Vendas Líquidas	R\$	3.781.763,89
(-)Custo da Mercadoria Vendida – CMV	-R\$	1.682.203,64
Lucro Bruto	R\$	2.099.560,25
(-)Financiamento de Capital de Giro	-R\$	231.889,20
(-)Despesas Administrativas	-R\$	848.548,53
Lucro Operacional	R\$	1.019.122,52
Provisão para Imposto de Renda	R\$	-
Lucro Líquido	R\$	1.019.122,52
Margem Líquida = (R\$ 1.019.122,52 / R\$ 3.781.763,89) x 100		
Margem Líquida = 26,95%		

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

O resultado desse índice na Fazenda Coqueiros apresentando no quadro 4, foi o mesmo em relação à margem operacional, pois não apresentou no período provisão para imposto de renda. Haja vista a mesma ser tributada pelo IRRF e estar apresentando prejuízos a compensar. Portanto, para cada unidade monetária de vendas, o empresário ganhará um pouco mais de R\$ 26,00.

4.3 Taxa de retorno sobre investimentos (TRI) e taxa de retorno sobre patrimônio líquido (TRPL)

4.3.1 Taxa de retorno sobre investimentos

Esse índice demonstra a rentabilidade da atividade na visão da empresa, pois consideram-se os valores presentes em seu ativo, que são os investimentos aplicados na cultura da soja.

QUADRO 5 – Taxa de retorno sobre investimentos da cultura de soja – safra 2012/2013.

Taxa de Retorno sobre Investimentos da Cultura de Soja - Safra 2012/2013		
$TRI = \text{Lucro Líquido} / \text{Ativo Total} \times 100$		
Lucro Líquido	R\$	1.019.122,52
Ativo Total	R\$	28.561.279,96
$TRI = \text{R\$ } 1.019.122,52 / \text{R\$ } 28.561.279,96 \times 100$		
Taxa de Retorno sobre Investimentos = 3,57%		

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

De acordo com as informações do quadro 5, atividade da cultura de soja traz um retorno sobre o ativo da Fazenda Coqueiros de 3,57%, ou seja, para cada R\$ 1,00 investido há um ganho de R\$ 0,04.

4.3.2 Taxa de retorno sobre patrimônio líquido

O cálculo da Taxa de Retorno sobre o Patrimônio Líquido mostra a rentabilidade da atividade na visão do empresário, mede a remuneração dos capitais próprios investidos na empresa.

QUADRO 6 – Taxa de retorno sobre patrimônio líquido da cultura de soja – safra 2012/2013.

Taxa de Retorno sobre Patrimônio Líquido da Cultura de Soja - Safra 2012/2013		
$TRPL = \text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido} \times 100$		
Lucro Líquido	R\$	1.019.122,52
Ativo Total	R\$	28.561.279,96
Passivo Total	R\$	8.568.383,99
Patrimônio Líquido	R\$	19.992.895,97
$TRPL = \text{R\$ } 1.019.122,52 / \text{R\$ } 19.992.895,97 \times 100$		
Taxa de Retorno sobre Patrimônio Líquido = 5,10%		

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Diante o exposto no quadro 6, a taxa de retorno sobre o patrimônio líquido equivale a 5,1%, isso quer dizer que para cada R\$ 1,00 investido, a remuneração do capital próprio será um ganho de R\$ 0,05, sendo adicionado ao patrimônio líquido, decorrente do resultado da atividade da cultura de soja.

4.4 Margem de contribuição

A margem de contribuição demonstra o valor que sobra após a venda retirando os seus custos variáveis analisados por produto, assim, é possível verificar quanto cada unidade oferece para quitar as despesas fixas e resultar no lucro.

QUADRO 7 – Margem de contribuição da cultura de soja – safra 2012/2013.

Margem de Contribuição da Cultura de Soja - Safra 2012/2013			
Margem de Contribuição = Valor das Vendas - (Despesas Variáveis + Custos Variáveis)			
Vendas de Soja	R\$	3.870.792,04	
(-) Impostos sobre Comercialização	-R\$	89.028,15	
Valor Líquido das Vendas	R\$	3.781.763,89	
(-)Despesas Variáveis	-R\$	231.889,20	
(-)Custos Variáveis	-R\$	1.682.203,64	
Margem de Contribuição = 3.781.763,89 - (231.889,20 + 1.682.203,64)			
Margem de Contribuição R\$ 1.867.671,05			
Produtividade		60,74 scs/há	
Custos variáveis	1.519,28 R\$/há		25,01 R\$/sc
Custos Fixos	673,52 R\$/há		11,09 R\$/sc
Receita de Venda		49,42 R\$/sc	
(-)Custos Variáveis		25,01 R\$/sc	
Margem de Contribuição Unitária		24,41 R\$/sc	
(-)Custos Fixos		11,09 R\$/sc	
Lucro Líquido		13,32 R\$/sc	

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

O resultado da margem de contribuição da Fazenda Coqueiros foi de R\$ 1.867.671,05, esse valor representa quanto a empresa consegue gerar de recursos para pagar as despesas fixas e obter lucro.

Para cada saca de soja de 60 Kg vendida no valor de R\$ 49,42, a margem de contribuição foi de 24,41 R\$/sc, sendo suficiente para cobrir os custos fixos, gerando um lucro de R\$ 13,32 por saca de soja vendida.

4.5 Ponto de equilíbrio contábil e financeiro

4.5.1 Ponto de equilíbrio contábil

O ponto de equilíbrio contábil é quando a soma das margens de contribuição é suficiente para cobrir os seus custos e despesas fixas, resultando em lucro zero.

QUADRO 8 – Ponto de equilíbrio contábil da cultura de soja – Safra 2012/2013.

Ponto de Equilíbrio Contábil da Cultura de Soja - Safra 2012/2013	
PEC = Custos e Despesas Fixos/Margem de Contribuição	
Custos e Despesas Fixos	673,52 R\$/há
Margem de Contribuição	24,41 R\$/sc
PEC = 673,52/24,41	
Ponto de Equilíbrio Contábil = 27,59 sc/há	

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

O ponto de equilíbrio contábil da Fazenda Coqueiros resultou em 27,59 sc/há, ou seja, a venda de 28 sacas de soja por hectare, seria o suficiente para cobrir as despesas e os custos fixos, sendo o lucro igual a zero.

4.5.2 Ponto de equilíbrio financeiro

Do ponto de equilíbrio financeiro, são retiradas as despesas que não sofrem desembolso, e o resultado seria suficiente para cobrir os custos e despesas fixas, porém, o lucro seria zero.

QUADRO 9 – Ponto de equilíbrio financeiro da cultura de soja – safra 2012/2013.

Ponto de Equilíbrio Financeiro da Cultura de Soja - Safra 2012/2013	
PEF = Custos e Despesas Fixos - (Depreciação) / Margem de Contribuição	
Custos e Despesas Fixos	673,52 R\$/há
Depreciação	202,66 R\$/há
Margem de Contribuição	24,41 R\$/sc
PEF = 673,52 - (202,66) / 24,41	
Ponto de Equilíbrio Financeiro = 19,29 sc/há	

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Na fazenda Coqueiros, o ponto de equilíbrio financeiro equivale a 19,29 sc/há, ou seja, precisariam vender 19 sacas de soja por hectare, para quitar as despesas e os custos fixos, e resultaria em lucro zero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio brasileiro tem significativo poder econômico no mercado internacional dos produtos agrícolas, apresentando vários fatores relevantes que influenciam a qualidade dos seus produtos e o preço favorável. Os produtores rurais deixaram de ser tratados apenas como fazendeiros, e passaram a ter um importante papel no mercado, tornando-se empresários rurais, inserindo tecnologia e mão de obra qualificada em suas propriedades.

A região centro-oeste, após pesquisas realizadas pela Embrapa e as migrações de produtores da região de São Paulo e Sul do Brasil, tornou-se um destaque de produtividade a partir dos anos 80, onde foram inseridos tecnologia, experiência e maquinários agrícolas nos campos, que resultaram em produtividade, eficiência e qualidade. A cultura de soja é a principal atividade rural produzida em Goiás, e a cidade de Rio Verde, a segunda maior produtora de soja da região.

Devido às mudanças ocorridas no campo após o desenvolvimento agropecuário, os produtores rurais passaram a gerenciar os seus negócios, com auxílio de informações de caráter contábil, financeiro e econômico, tendo a necessidade de controlar os seus custos para obter maior resultado.

A contabilidade de custos é fator primordial para o gerenciamento dos negócios, e, a partir dos controles realizados, é possível utilizar ferramentas de gestão como os índices econômicos, que trazem informações de grande relevância para planejar, orçar e controlar os custos de produção.

O índice da rentabilidade auxilia os gestores a tomarem decisões, demonstrando se a atividade da empresa traz o retorno do investimento esperado, podendo ser analisado por várias vertentes, como a visão da empresa, visão do empresário, e em relação às vendas do período.

Na Fazenda Coqueiros, mesmo com a soja sendo uma commodity, e o seu preço podendo sofrer alterações do mercado, a cultura demonstrou rentabilidade na safra 2012/2013, gerando lucro para o proprietário. E para obter essas informações, o gestor da fazenda obtinha

informações referentes aos custos, despesas e receitas incorridas durante o período analisado, bem como controles do ativo e do patrimônio líquido.

Com o controle dos custos, os gestores poderão obter informações relevantes para administrar os seus negócios, e devido aos riscos que atividade agropecuária oferece, como pragas, transtornos climáticos, variáveis de mercado, podem evitar perdas maiores, podendo manter um equilíbrio entre o valor do custo e o valor do mercado, visando a viabilidade e a rentabilidade dos seus negócios.

REFERÊNCIAS

APROSOJA - Associação dos Produtores de Soja e Milho do Estado do Mato Grosso. **A história da soja**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.aprosoja.com.br/sobre-a-soja/Paginas/Historia-da-Soja.aspx>>. Acesso em: 21/04/2013.

BARATA; P. V. A.; MOREIRA, H. L.. **Rentabilidade**: retorno sobre o investimento. Do ponto de vista da empresa e do empresário. 2003. Disponível em: <http://www.peritocontador.com.br/artigos/colaboradores/Artigo_-_Rentabilidade.pdf> Acesso em: 21/05/2013.

BARBOSA, M. Z.; ASSUMPÇÃO, R.. **Ocupação territorial da produção e da agroindústria da soja no Brasil nas décadas de 80 e 90**. 2001. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=148>>. Acesso em: 22/04/2013.

BATALHA, M. O.; SILVA, A. L.. **Gestão agroindustrial**: gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

BESSA, S.. **Contabilidade**. 2010. 2. ed. Disponível em: <http://academico.direitorio.fgv.br/ccmw/images/3/3f/Contabilidade_-_aluno.pdf>. Acesso em: 17/05/2013.

BIODIESEL. **Soja**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.biodieselbr.com/plantas/soja/soja.htm>>. Acesso em: 22/04/2013.

BLÁCIDO, D. R. T.. **Tecnologia agroindustrial**. 2012. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Tecnologia-Agroindustrial/495696.html>>. Acesso em: 22/04/13.

BRUM, A. L.; HECK, C. R.. **Aspectos do agronegócio no Brasil**: a evolução da agricultura e o desenvolvimento. (p.45-77). Ijuí: Unijuí, 2008.

BROCH, D. L.; PEDROSO, R. S.. **Custo de produção da cultura da soja safra 2011/2012**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.fundacaoms.org.br/uploads/publicacoes/11%20-%20custo%20de%20producao%20da%20soja_1016324339.pdf>. Acesso em: 16/05/2013.

CALLADO, A. A. C.; CALLADO, A. L. C.; MACHADO, M. A. V. **Indicadores de desempenho operacional e econômico: um estudo exploratório no contexto do agronegócio.** 2007. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/rn/article/view/307>>. Acesso em: 20/05/2013.

CALLADO, A. L. C.; ALMEIDA, M. A.. **Perfil dos artigos sobre custos no agronegócio publicados nos anais do congresso brasileiro de custos.** 2005. Disponível em: <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero1v1/Perfil%20de%20publicacoes.pdf>> <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero1v1/Perfil%20de%20publicacoes.pdf>>. Acesso em: 15/05/2013.

CALLADO, A. A. C.; CALLADO, A. L. C.. **Agronegócio: sistemas agroindustriais.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Custos: um desafio para a gestão no agronegócio.** [s.d.] Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/69a5e2bb919eaf2e832574b0004bda60/7dc55898743cf66483256f6b00617007/\\$FILE/NT000A2306.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/69a5e2bb919eaf2e832574b0004bda60/7dc55898743cf66483256f6b00617007/$FILE/NT000A2306.pdf)>. Acesso em: 17/03/2013.

CALLADO, A. A. C.; MORAES, R. A.. **Agronegócio: gestão empresarial no agronegócio.** 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

CAZAROTTO, S. R.; TRENTIN, G. N. S.. **O desempenho econômico e financeiro das empresas com a abertura de capital – IPO.** 2012. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/acsa/article/view/1523>>. Acesso em: 20/05/2013.

COSTA, N. L.; BRUM, A. L.. **Aspectos do agronegócio no Brasil: aspectos recentes da economia da soja no Brasil.** Ijuí: Editora Unijuí, 2008.

CREPALDI, S. A.. **Contabilidade gerencial: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 1998.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A.. *A concept of agribusiness. Divison of research. graduate school of business administration.* Boston: Harvard University, 1957.

DOOR, A. C. et al.. **Utilização de instrumentos de gestão contábil pelos produtores agropecuários.** 2012. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/contabilidade/article/view/35>>. Acesso em: 15/05/2013.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **A soja no Brasil.** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.cnpso.embrapa.br/producaosoja/SojanoBrasil.htm>> Acesso em: 21/04/2013.

GALHARDO, M. **Como calcular a rentabilidade da sua empresa?** 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/pme/dicas-de-especialista/noticias/como-calcular-a-rentabilidade-da-sua-empresa>> Acesso em: 05/05/2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HILSDORF, C.. **Produtividade, lucratividade e rentabilidade:** três conceitos, um só caminho. 2012. Disponível em: <<http://www.carloshilsdorf.com.br/artigo/produtividade-lucratividade-rentabilidade>>. Acesso em: 21/05/2013.

HOFER, E. et al.. **Gestão de custos aplicada ao agronegócio:** culturas temporárias. 2006. Disponível em: <<http://www.congressosp.fipecafi.org/artigos22005/386.pdf>>. Acesso em: 15/05/2013.

JANK, M. S.; NASSAR, A. M.; TACHINARDI, M. H.. **Agronegócio e comércio exterior brasileiro**. Rev. USP, São Paulo, nº 64, fev.2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13387>>. Acesso em: 21/05/2013.

LOBRIGATTI, L. A. F.. **Margem de contribuição:** quanto sobra para sua empresa? 2004. Disponível em: <http://www.sebraerj.com.br/docs/margem_contribuicao.pdf>. Acesso em: 21/05/2013.

LOPES, R.. **Análise por índices** (estrutura, liquidez e rentabilidade). [s.d.]. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:EYJiDkewYnIJ:www.heggle.com/p-lataforma_graduacao/correio/CONTABILIDADE.doc+An%C3%A1lise+por+%C3%ADndic e+-+renato+lopes&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 17/05/2013.

LOURENÇO, J. C.. **Logística agroindustrial:** desafios para o Brasil na primeira década do século XXI. 2010. Disponível em: <<http://eumed.net/libros-gratis/2010d/794/Agroindustria.htm>>. Acesso em: 22/04/2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V.. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARION, J. C.. **Contabilidade rural**. 13 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARION, J. C.; SEGATTI, S.. **Gerenciando custos agropecuários**. 2005. Disponível em: <http://www.custoseagronegocioonline.com.br/Gerenciando_custos.pdf>. Acesso em: 15/05/2013.

MARTINS, E. **Contabilidade de custos**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, J. **Produção agrícola em Goiás cresce 26%**. 2012. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/posts/ultimas-noticias/producao-agricola-em-goias-cresce-26>> Acesso em: 13/05/2013.

MENDES, J. T. G.; PADILHA, J. B.. **Agronegócio: uma abordagem econômica**. São Paulo: Pearson: 2010.

MOTA, C.. **Brasil deve responder por 44% das exportações mundiais de soja em grão em dez anos**. 2013. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/politica-agricola/noticias/2013/03/brasil-deve-responder-por-44porcento-das-exportacoes-mundiais-de-soja-em-grao-em-dez-anos>>. Acesso em: 21/04/2013.

PALERMO, D. M.. **Agronegócio no Brasil – uma perspectiva financeira: agronegócio brasileiro e a história do crédito rural**. São Paulo: Saint Paul, 2009.

PARRA, D. P. F.; ALMEIDA, J. A. S.. **Apresentação de trabalhos científicos**. 8. ed. São Paulo: Futura, 2002.

PATRONI, L.. **Principal produtora de soja do sudoeste de Goiás, Rio Verde abre oficialmente a colheita de soja da safra 2012/2013**. 2013. Disponível em: <<http://www.sojabrasil.ruralbr/noticia/2013/01/principal-produtora-de-soja-do-sudoeste-de-goias-rio-verde-abre-oficialmente-a-colheita-de-soja-da-safra-2012-2013-4021428.html>>. Acesso em: 13/05/2013.

PHILIPPE, J.. **Margens bruta e líquida e ebitda**. 2009. Disponível em: <<http://fundamentalista.blogs.advfn.com/2009/10/07/margens-bruta-e-liquida-e-ebitda/>>. Acesso em: 17/05/2013.

PINAZZA, L. A.. **Cadeia produtiva da soja**. 2007. Disponível em: <<http://www.catagronegocio.com.br/uploads/1/1/7/3/11739052/17135387-cadeia-da-soja.pdf>>. Acesso em: 12/05/2013.

PIRES, M. J. S.. **Conjuntura econômica goiana: a soja na dinâmica do agronegócio goiano**. 2005. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/sepin/pub/conj/conj6/04.htm>>. Acesso em: 13/05/2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO VERDE. **A cidade: história**. Disponível em: <<http://www.riovergoias.com.br/i.php?si=aci&id=3>>. Acesso em: 14/05/2013.

RABELO, G.. **Ponto de equilíbrio contábil, econômico e financeiro**. 2011. Disponível em: <<http://www.forumconcurseiros.com/forum/showthread.php?t=287050>>. Acesso em: 21/05/2013.

REIS, L. F. S. D.; **Agronegócios qualidade na gestão**. Rio de Janeiro: Qualitymark: 2011.

REIS, R.. **Contabilidade rural**. 2012. Disponível em: <<http://www.contabeis.com.br/artigos/767/contabilidade-rural/>>. Acesso em: 12/03/2013.

RIBEIRO, A. B.. **Conjuntura agrícola: perspectivas de safras de soja e milho 2012/2013**. 2012. Disponível em: <<http://www.emater.go.gov.br/w/4400>>. Acesso em: 13/05/2013.

RICHETTI, A.. **Viabilidade econômica da cultura da soja na safra 2011/2012 em Mato Grosso do Sul**. 2011. Disponível em: <<http://www.cpa0.embrapa.br/publicacoes/online/zip/COT2011168.pdf>>. Acesso em: 16/05/2013.

SCRAMIM, F. C. L.; BATALHA, M. O.. **Gestão agroindustrial: gestão de custos agroindustriais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

TIBÚRCIO, C.. **Margem bruta**. 2012. Disponível em: <<http://avaliacaodeempresas.blogspot.com.br/2012/03/margem-bruta.html>>. Acesso em: 17/05/2013.

VIANA, J. G. A; SILVEIRA, V. C. P.. **Custos de produção e indicadores de desempenho: metodologia aplicada a sistemas de produção de ovinos**. 2008. Disponível em: <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero3v4/custos%20de%20producao%20ovinos.pdf>>. Acesso em: 17/05/2013.

WILSON, P.. **Análise de rentabilidade**. 2011. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/hotsites/ppp/conteudo/eventos/cursos/pppavaliacaodenegocios2011/apresentacoes/4_110919_professor_peter_wilson_2.pdf>. Acesso em: 21/05/2013.

ZORZAL, E. J. **Considerações a cerca do ponto de equilíbrio como ferramenta gerencial**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.novomilenio.br/foco/1/artigo/5_Ponto_de_equilbrio_artigo.pdf>. Acesso em: 21/05/2013.